

## Conexões acerca do tema “Aceleração” entre HUI e Rosa<sup>1</sup>

Jamila Fernanda Carvalho Lima<sup>2</sup>

### Resumo expandido

Um das mais urgentes reflexões que se impõem sobre a humanidade é sobre os efeitos que o estado atual do avanço tecnológico tem sobre as nossas vidas e, principalmente, sobre as nossas mentes e subjetividades. É imprescindível entender para onde iremos através dela ou, com mais exatidão, para onde estamos sendo levados. No livro “Tecnodiversidade” (2020), o filósofo chinês Yuk Hui destrincha, através de vários ensaios nos quais explana como a visão totalizante e ocidental da tecnologia (técnica) moderna é um projeto iluminista e colonizador que ainda está em curso. O autor desvela alguns destes caminhos para os quais iremos, caso não sejamos capazes de traçar outras rotas. Entender as relações que se estabeleceram no passado e quais ainda estão em vigor é crucial para repensar nossa relação com a tecnologia e imaginar novos futuros não distópicos.

Apesar de não constar como ideia central de seus ensaios, Hui se debruça sobre o fator temporal dentro do diagnóstico central no qual apoia seu livro – a necessidade de uma Tecnodiversidade, levando em consideração as diferentes cosmotécnicas – ao comentar sobre a “Constituição do eixo de tempo global e o seu fim apocalíptico”. Um dos fatores que Hui explicita como parte do problema é a aceleração tecnológica. Para ele, “Essa aceleração tecnológica não se caracteriza como ruptura, mas como continuação do Iluminismo” (HUI, 2020, p. 84). Ou seja, tal como se apresenta desde a ascensão do Iluminismo, a tecnologia moderna que segue o eixo do tempo global, único, sincrônico, universal e sem espaço para o diferente, iminentemente nos levará ao colapso. Hui nos convida a imaginar a relação entre a aceleração e a tecnologia em outros termos: há espaço para uma aceleração que não nos aniquile? E, se sim, de que forma?

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo Temático C “Estratégias Comunicacionais em eventos climáticos extremos” do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR-UFSC), integrante do Nephi-Jor e bolsista da FAPESC. E-mail: jamycarvalho@gmail.com

Apesar de serem perguntas audaciosas, abertas e por demais complexas, este texto procura refletir – ou, pelo menos, tentar – as questões relativas à aceleração tecnológica na qual estamos mergulhados. Através da exploração bibliográfica e teórica das ideias de Yuk Hui, Hartmut Rosa, a intenção é buscar construir relações possíveis entre os temas, a fim de refletir criticamente sobre como movimentos de desacelerações podem promover mudanças reais.

A reflexão sobre a aceleração tecnológica que Hui faz não vem de um vácuo e tampouco sua obra é dedicada ao pensamento aprofundado sobre o tempo, como outros autores como Elias (1998) o fazem. Ele a insere dentro de uma discussão maior, em um contexto específico, quando rebate os argumentos de Henry Kissinger, ex-Secretário de Estado dos Estados Unidos e responsável direto pelo envolvimento estadunidense nas maiores ditaduras da América do Sul, quando este, em um texto de 2018, afirmou que o Iluminismo acabou desde o advento da Inteligência Artificial, o que trouxe à humanidade uma suposta superação da cognição humana pelas máquinas. Hui, ao responder o artigo, chega até a concordar com Kissinger quando também assume que a filosofia iluminista foi universalizada pela tecnologia moderna, o que mais tarde fundou as bases para a colonização e a globalização como a conhecemos. A concordância, no entanto, para por aí. Para Hui, Kissinger se esquece que o Iluminismo foi mais do que apenas a era da razão e do desprezo pelos ideais medievais e religiosos. Foi muito mais que isso: como projeto político e colonizador, através da tecnologia vigente à época, foi capaz de mudar o eixo político do mundo, ocidentalizando-o. Hui afirma que o Iluminismo sequer acabou, mas mudou de figura quando a tecnologia que o alicerçou aparece como uma filosofia própria, quase que como um fim em si mesmo.

Porém, a discussão sobre o tempo aparece quando o assunto da aceleração tecnológica vem à tona como um dos fatores mantenedores do Iluminismo através do seu projeto de dominação geopolítico universalizante. Por meio do que ele cunha de “Eixo de tempo global”, ele entende que este eixo de tempo leva ao aceleracionismo tecnológico e, conseqüentemente, à desterritorialização do mundo. O que se pensou que poderia ser a saída tecnológica para o socialismo por alguns teóricos acabou se revelando como mais um dos mecanismos de acumulação do capital. No máximo, reconfigura o fluxo de capitais, mas não retira a sua necessidade. Como fator homogeneizante, “[...] A tecnologia moderna sincroniza histórias não ocidentais no eixo de tempo global da modernidade Ocidental.” (HUI, 2020, p. 85). Diante dessa conclusão, Hui se pergunta:

Será que é mesmo possível escapar da sincronização trazida pelo eixo de tempo global da modernidade ocidental sem que antes proponhamos uma desaceleração como a defendida por sociólogos como Hartmut Rosa? Seríamos capazes de desfazer o domínio desse eixo a fim de redirecionar suas conquistas para outros caminhos? (HUI, 2020, p. 87)

É preciso primeiramente entender o porquê desse questionamento. Quando Hui menciona Rosa e os seus tipos de aceleração e a suposta necessidade de desaceleração defendida por ele, Hui não está fazendo uma crítica a Rosa, como faz a outros autores escancaradamente.

Para Rosa (2003) existem três tipos de aceleração: a aceleração tecnológica; a aceleração da mudança social e a aceleração do ritmo de vida. A aceleração tecnológica é o resultado da revolução digital e da massificação da Internet, além da modernização dos meios de transporte, dentre outros. A desterritorialização que Hui menciona cabe aqui de maneira certa: Rosa também observa como o tempo e o espaço já não estão mais submetidos às leis físicas. A distância entre um ponto ao seu outro extremo do planeta pode ser superada em questão de dias ou horas e é possível conversar ao vivo com alguém de qualquer ponto da Terra em que haja internet de boa qualidade, o que efetivamente diminui fronteiras. Rosa entende que as relações humanas são atravessadas e *aceleradas* – e estão cada vez mais – por essa transformação tecnológica.

Embora ele conceitue diversos tipos de desaceleração, apenas um aparece como intencional. Seriam os movimentos ideológicos que identificam os efeitos da aceleração moderna e querem contê-los. Algumas desacelerações acontecem inclusive com o intuito de incrementar a *performance* dos indivíduos quando, por exemplo, fazem retiros ou tomam tempo de seus trabalhos com a intenção de que voltem mais produtivos (ROSA, 2003, p. 14). De maneira sistêmica, existem desacelerações intencionais que aparecem como “moratórias”. O freio vem de modo a tentar resolver determinados impasses políticos, sociais, ambientais, dentre outros (Ibid.).

No entanto, o que mais chama a atenção nas conclusões de desaceleração que Rosa identifica e descreve em seu ensaio sobre as repercussões políticas e éticas das acelerações é justamente a última. Um tipo de desaceleração que só existe quando já não resta mais nada a acelerar:

Finalmente, encontramos a percepção de que na sociedade moderna tardia, apesar da generalizada aceleração e flexibilização que criam a aparência de contingência total, hiperopcionalidade e abertura ilimitada, a mudança “real”, na verdade, já não é possível: o sistema da sociedade moderna está se fechando e a história está chegando ao fim numa

“paralisação hiperacelerada” ou “inércia polar”. Defensores deste diagnóstico incluem Paul Virilio, Jean Baudrillard e Francis Fukuyama. Eles afirmam que não existem novas visões e energias disponíveis para a sociedade moderna e, portanto, a enorme velocidade dos acontecimentos e das alterações é um fenômeno superficial que mal encobre a inércia cultural e estrutural profundamente enraizada. Para uma teoria sociológica da sociedade em aceleração, é vital levar em conta para esta possibilidade de paralisação (extrema) no seu próprio esquema conceitual. (ROSA, 2003, p. 17. Tradução nossa)

Ter clara a noção do que pede Hui e do que especifica Rosa quando ambos demonstram os impactos da aceleração tecnológica nas nossas vidas, é entender que toda a tecnologia que veio desde o Iluminismo e atua nos dias de hoje não é neutra e esses objetos não humanos entram nas equações humanas, alterando nossos comportamentos sociais de inúmeras maneiras. O próprio Rosa, mesmo sendo o que Bruno Latour chamaria de “sociólogo do social”, admite isso quando escreve:

Quando examinamos a relação causal entre as três esferas da aceleração social, é revelado um surpreendente círculo de *feedback*: a aceleração tecnológica, que é frequentemente conectada à introdução de novas tecnologias (como a máquina a vapor, a estrada de ferro, o automóvel, o telégrafo, o computador, a Internet), quase inevitavelmente traz toda uma série de mudanças nas práticas sociais, estruturas comunicacionais e as formas de vida correspondentes. Por exemplo, a Internet não apenas aumentou a velocidade da troca comunicativa e a ‘virtualização’ da econômica e dos processos produtivos; ela também estabeleceu novas estruturas ocupacionais, econômicas e comunicativas, abrindo novos padrões de interação social e até mesmo novas formas de identidade social. (ROSA, 2003, p. 8. Tradução nossa).

O mais interessante é que Hui não propõe uma desaceleração como as que Rosa afirma que existem, mas uma *outra* aceleração (HUI, 2020, p. 88). À primeira vista, pode parecer um paradoxo propor uma outra aceleração quando justamente se faz uma crítica a ela. No entanto, não o é. Está clara a relação com que Hui demonstra em seu capítulo sobre o fim apocalíptico em que o eixo de tempo global não se bifurca. Ou seja, o colapso parece vir de quando a aceleração sequer é possível, por não haver mais energia ou recursos para utilizar. Ou, de maneira menos radical, a aceleração é apenas uma fachada para a nossa incapacidade de mudar: não seriam mais possíveis as mudanças realmente significativas. Em tempos de colapso climático já presente em nossas vidas, esse diagnóstico é assombroso, pois denota a nossa inércia para lidar com um problema tão premente.

### **Palavras-chave:**

Aceleração Tecnológica; Tecnodiversidade; Cosmotécnicas.



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

## Referências

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROSA, Hartmut. **Social Acceleration: ethical and political consequences of a desynchronized high speed society**. *Constellations*, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 3-33, mar. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8675.00309>. Acesso em: 20 jan. 2024.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.